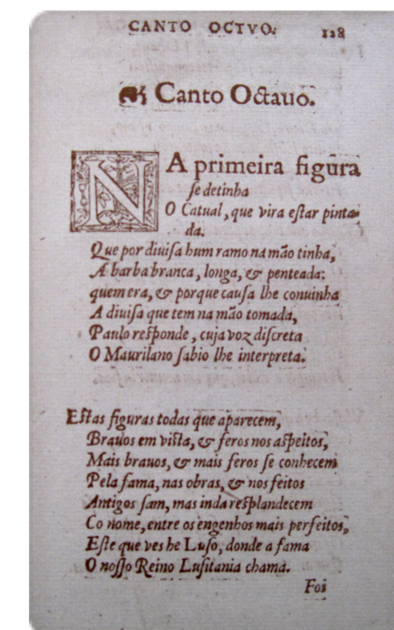


Canto Oitavo





CANTO OCTVO. 128

Canto Octauo.

NA primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada.
Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Maurilano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

Canto Oitavo



1

Canto VIII

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada.
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada;
Quem era, e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta.



2

Canto VIII

Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos, e mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, e nos feitos.
Antigos são, mas ainda resplandecem
Com o nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que vês é Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitânia chama.



3

Canto VIII

Foi filho e companheiro do Tebano
Que tão diversas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou,
Do Douro, o Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio tanto o contentou
Que ali quis dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.



4

Canto VIII

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde Tirso foi de Baco usado,
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado;
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica.



5

Canto VIII

Ulisses é o que faz a santa casa
À Deusa, que lhe dá língua facunda,
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda;
Quem será estoutro cá que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas.



6

Canto VIII

Assim o Gentio diz, responde o Gama,
Este que vês pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível afamado.
Não tem com ele não, nem ter puderam
O primor que com Pirro já tiveram.



7

Canto VIII

Com força não; com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram que os espanta,
Que o grande aperto em gente, ainda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta;
Outro está aqui que contra a pátria irosa
Degradado connosco se alevanta,
Escolheu bem com quem se alevantasse
Para que eternamente se ilustrasse.



8

Canto VIII

Vês connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas,
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas;
Olha tão subtis artes e maneiras,
Para adquirir os povos tão fingidas
A fatídica Cerva que o avisa,
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.



9

Canto VIII

Olha estoutra bandeira e vê pintado,
O grão progenitor dos Reis primeiros,
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Crêeem ser em Lotaríngia os estrangeiros;
Depois de ter com os Mouros superado
Galegos, e Leoneses cavaleiros,
À casa Santa passa o Santo Henrique,
Porque o tronco dos Reis se santifique.



Quem é me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar maravilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado;
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes.



11

Canto VIII

Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estígio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma;
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro inimigo doma,
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.



12

Canto VIII

Se César, se Alexandre Rei tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos quantos eram,
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassalos são notáveis.



13

Canto VIII

**Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido Aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado,
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz se chama o forte velho
Para leais vassalos claro espelho.**



14

Canto VIII

**Vê-lo cá vai com os filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o moço sujeitar-se,
Como ele prometera ao Castelhano;
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco que já estava soberano,
Os filhos e mulher obriga à pena,
Para que o senhor salve, a si condena.**



15

Canto VIII

Não fez o Cônsul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante;
Este pelo seu povo injuriado,
Assim se entrega só firme e constante,
Estoutro assim, e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.



16 **Canto VIII**

Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte,
Já o Rei tem preso, e a vila descercada
Ilustre feito digno de Mavorte,
Vê-lo cá vai pintado nesta armada
No mar também aos Mouros dando a morte
Tomando-lhe as galés, levando a glória,
Da primeira marítima vitória.



17

Canto VIII

É Dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Com o fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galés da Maura gente
Olha como em tão justa e santa guerra
De acabar pelejando está contente;
Das mãos dos Mouros entra a feliz alma
Triunfando nos Céus com justa Palma.



18

Canto VIII

**Não vês um ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova;
Olha Henrique famoso cavaleiro,
A Palma que lhe nasce junto à cova,
Por eles mostra Deus milagre visto,
Germanos são os Mártires de Cristo.**



Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quem por Mafamede enresta a lança;
É Teotónio Prior; mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueu das Quinas a bandeira.



20

Canto VIII

Vê-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra,
Os inimigos rompendo, o Alferes mata,
E Hispálico pendão derriba em terra,
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pai com os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba, e a sua exalta.



21

Canto VIII

**Olha aquele que desce pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias;
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro, que as cabeças frias
Na mão levava, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor é o forte peito.**



22

Canto VIII

**Não vês um Castelhano, que agravado,
De Afonso nono Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, com os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma acompanhado
Dos duros infiéis que traz consigo;
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.**



23

Canto VIII

Martim Lopes se chama o cavaleiro,
Que destes levar pôde a palma, e o louro;
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro.
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro,
Olha o sinal no Céu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.



Vês vão os Reis de Córdova e Sevilha,
Rotos, com os outros dois, e não de espaço,
Rotos mas antes mortos, maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço;
Vês já a vila de Alcácer se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.



25

Canto VIII

Olha um mestre que desce de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista,
Com manha, esforço, e com benigna estrela
Vilas, castelos toma a escala vista;
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.



26

Canto VIII

Vês com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente,
É dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente;
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
Nelas deixando públicos troféus.



27

Canto VIII

Vê-los com o nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram,
Vê mortos os soberbos cavaleiros,
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.



Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a pátria, que de um fraco fio pende
Sobre seus duros ombros a sustenta,
Não no vês, tinto de ira, que repreende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio,
De Rei seu natural, e não de alheio.



29

Canto VIII

Olha por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só, e de santa Estrela,
Só pôde o que impossível parecia,
Vencer o povo ingente de Castela;
Vês por indústria, esforço, e valentia
Outro estrago e vitória clara e bela
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso, e Guadiana habita.



30

Canto VIII

Mas não vês quase já desbaratado,
O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a suma e trina essência;
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Porque consigo esforço aos fracos desse.



31

Canto VIII

Mas olha com que santa confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória, que logo lhe daria;
Assim Pompílio, ouvindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.



32

Canto VIII

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quiseres como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve;
Mas mais de dom Nuno Álvares se arreia,
Ditosa pátria que tal filho teve;
Mas antes pai, que enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.



Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar com o amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pêro Rodrigues é do Landroal.



34

Canto VIII

Olha este desleal o como paga
O perjúrio que fez e vil engano,
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o último dano;
De Xerez rouba o campo, e quase alaga
Com o sangue de seus donos Castelhano;
Mas olha Rui Pereira que com o rosto
Faz escudo às galés, diante posto.



35

Canto VIII

Olha que dezassete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.



36

Canto VIII

Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não temamos
O que depois mil vezes amostramos.



37

Canto VIII

Olha cá dois Infantes Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane,
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane
Este, que ela nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.



38

Canto VIII

Vês o Conde dom Pedro que sustenta
Dois cercos contra toda a Barbaria,
Vês outro Conde está que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia,
De poder defender se não contenta
Alcácer da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.



39

Canto VIII

Outros muitos verias que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, prémio, favor, que as artes criam,
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.



40

Canto VIII

**Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.**



Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham.
Culpa de Reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E como a seu contrário natural,
À pintura que fala querem mal.



42

Canto VIII

Não nego que há contudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excelentes
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.



43

Canto VIII

Assim está declarando os grandes feitos,
O Gama que ali mostra a vária tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artífice ali pinta;
Os olhos tinha prontos e direitos,
O Catual na história bem distinta,
Mil vezes perguntava, e mil ouvia,
As gostosas batalhas que ali via.



44

Canto VIII

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a lâmpada grande se escondia
Debaixo do Horizonte e luminosa
Levava aos Antípodas o dia,
Quando o Gentio, e a gente generosa,
Dos Naires, da nau forte se partia
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.



45

Canto VIII

**Entretanto os Arúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabólicos, e indícios
Mandados do Rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus ofícios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vêm da ignota Espanha.**



46

Canto VIII

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente e de valia;
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara.



47

Canto VIII

A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios ainda se não desce.



48

Canto VIII

E diz-lhe assim, guardai-vos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo inimigo
Que pelas águas húmidas caminha,
Antes que estais mais perto do perigo;
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado
Torna a dormir quieto e sossegado.



49

Canto VIII

Torna Baco dizendo, não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual fôreis muitos baptizados?
Eu por ti rude velo, e tu adormeces?
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.



50

Canto VIII

Enquanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sai facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis.



51

Canto VIII

Isto dito, ele e o sono se despede,
Tremendo fica o atónito Agareno
Salta da cama, lume ao servos pede,
Lavrando nele o férvido veneno;
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.



52

Canto VIII

**Diversos pareceres e contrários
Ali se dão segundo o que entendiam,
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam;
Mas deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.**



53

Canto VIII

Com peitas, ouro, e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.



54

Canto VIII

Ó quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciência e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados;
Porque como este posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios, ter notícia mais inteira,
Do que lhe der a língua conselheira.



55

Canto VIII

**Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso, a consciência limpa e certa
Que se enleve num pobre e humilde manto
Onde ambição acaso ande encoberta,
E quando um bom em tudo é justo e santo
Em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal com eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.**



56

Canto VIII

Mas aqueles avaros Catuais
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam;
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto.



57

Canto VIII

Nisto trabalha só, que bem sabia
Que, depois que levasse esta certeza,
Armas e naus, e gente mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e lei submeteria
Das terras, e do mar a redondeza,
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.



58

Canto VIII

Falar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da maligna
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da notícia falsa e indigna
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros.



**Este temor lhe esfria o baixo peito;
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atiça.
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.**



60

Canto VIII

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres,
Que naqueles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes;
O grande capitão chamar mandava,
A quem chegado disse, se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.



Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vais passando a vida;
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei, ou senhor de insânia desmedida,
Há de vir cometer com naus e frotas
Tão incertas viagens e remotas?



62

Canto VIII

E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes valorosos,
Sinais de tua incógnita verdade;
Com peças e dons altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor não é bastante,
As palavras dum vago navegante.



63

Canto VIII

Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria para o forte;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia, ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.



64

Canto VIII

Isto assim dito, o Gama que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mahomético ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava;
Com uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria.



65

Canto VIII

Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, com a falsidade
Ó poderoso Rei da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.



66

Canto VIII

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrário que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.



67

Canto VIII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antárcticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?



68

Canto VIII

Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho Clima
Onde a natura pôs teu Reino antigo;
Mas se a Fortuna tanto me sublima
Que eu torne à minha pátria, e reino amigo
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.



69

Canto VIII

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito, e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.



70

Canto VIII

Sabe que há muitos anos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre às grandes coisas se opuseram
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.



71

Canto VIII

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro;
Este, por sua indústria, e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre, e da Ara.



72

Canto VIII

**Crescendo com os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns sucedendo aos outros prosseguiram;
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as sete flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.**



73

Canto VIII

Assim com firme peito, e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna;
Rompendo a força do líquido estanho
Da tempestade horrífica, e importuna
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.



74

Canto VIII

**Esta é a verdade Rei, que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio
Qual, não sendo isto assim, esperar podia,
Tão longo tão fingido, e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
Da madre Tethys, qual pirata inico
Dos trabalhos alheios feito rico.**



75

Assim que ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera, e não dobrada
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impeças o gosto da tornada;
E se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se.



76

Atento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia,
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palavras há abastança,
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.



77

Canto VIII

**Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito,
Com o Capitão, e não com o Mauro engano,
Enfim ao Gama manda, que direito
As naus se vá, e seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.**



78

Canto VIII

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
Que nos Reinos Gangéticos faleça,
Se alguma traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão, para onde peça
Ao Catual, que dele tinha cargo
Embarcação, que a sua está de largo.



79

Canto VIII

Embarcação que o leve às naus lhe pede;
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços;
Com ele parte ao cais, porque o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.



80

Canto VIII

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida diferisse;
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até li não entendera.



81

Canto VIII

Era este Catual, um dos que estavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
Dele somente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente,
Ele, que no conceito vil conspira
De suas esperanças não delira.



82

Canto VIII

O Gama com instância lhe requer
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val,
E que assim lhe mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal;
Porque razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derrogado?



83

Canto VIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum subtil, e astuto
Engano diabólico, e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo,
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhuma à pátria mais tornasse.



84

Canto VIII

Que nenhum torne à pátria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos;
Não parte o Gama enfim, que lho defende
O Regedor dos bárbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.



85

Canto VIII

Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar à terra as naus, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, e tornasse;
Sinal é de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.



86

Canto VIII

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naus deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto;
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava.
Tudo temia, tudo enfim cuidava.



Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Trémulo, aqui e ali, e dessossegado.



88

Canto VIII

Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia com os batéis, como ordenara;
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava, dos feros Maometanos.



89

Canto VIII

Tal há-de ser, quem quer com o dom de Marte,
Imitar os ilustres e igualá-los.
Voar com o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evitá-los;
Com militar engenho, e subtil arte
Entender os inimigos, e enganá-los,
Crer tudo enfim, que nunca louvarei
O Capitão que diga, não cuidei.



90

Canto VIII

Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada,
Ele constante, e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso,
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.



91

Canto VIII

**Aquela noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei, mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena;
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.**



92

Canto VIII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível, que trazia, para a terra,
Para que devagar se troque e venda,
Que quem não quer comércio busca guerra;
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra com a fazenda a liberdade.



93

Canto VIII

Concertam-se que o negro mande dar,
Embarcações idóneas com que venha,
Que os seus batéis não quer aventurar,
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha;
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha,
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.



94

Canto VIII

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ela ficam Álvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.



95

Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse;
Ele vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado
Nelas estar se deixa descansado.



**Nas naus estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assim como no pobre
Pode o vil interesse e sede inimiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.**



97

A Polidoro mata o Rei Treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício
Com a filha de Acriso a chuva de ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quase afogada em pago morre.



98

Canto VIII

**Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos,
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra, ou fama alguns perigos,
Este deprava as vezes as ciências,
Os juízos cegando, e as consciências.**



Este interpreta mais que subtilmente
Os textos este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente;
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor com tudo de virtude.